

O Imaginário Crítico na Literatura.

Gilson Rampazzo
(Colégio Equipe)

Se eu fosse dar um título para esta palestra, seria A IMAGEM DO SOM NO CORPO.

Estou aqui na condição de professor de Redação. É difícil transportar para esta situação as reflexões e os fatos que se dão eminentemente na prática diária.

Convocado a participar desta mesa, fiquei diante deste problema: meu trabalho acontece na prática diária, no convívio com os alunos, dentro de um espaço existencial permeado pelo texto que os alunos produzem. Nesse espaço fala-se menos do que se escreve. Nesse espaço, o concreto é o papel, a caneta, a mão que segura a caneta, o corpo se envolvendo nesse ato significativo que é sentir-se a caneta pausadamente deslizando sobre o branco do papel e fixando as imagens dos traços que formam os sons, as palavras, os textos. O concreto é a palavra.

Nessas tarefas dos alunos há muitas leituras e há infinitas imagens. E há, sobretudo, a possibilidade que os alunos têm de ouvir suas próprias vozes amplificadas nos sussurros e nas gritarias do silêncio de seus textos. É nesse momento de escrever, em que a palavra é concretamente imagem, que se revela a imaginação e o imaginário. Duplamente imaginário:

"imaginário", enquanto repertório de imagens que se tem à disposição; e
"imaginário", enquanto possibilidade criativa da imaginação.

Há, nesse duplo imaginário que a palavra concretiza, um recorrer aos dois lados da palavra:

o lado daquele que escreve
e o lado daquele que vai ler

Como agora. Há dois agora:

Há este agora em que escrevo este texto, preocupado em dizer do meu trabalho e de minhas reflexões sobre ele. Estão latentes neste agora que já passou, agora que você ouve ou lê este texto, minhas experiências, de muitas aulas, de muitos contatos e das muitas vezes que escrevi.

E há este outro agora, em que já escrevi e leio em voz alta este texto.

E outras pessoas poderão ler este texto, de tal maneira que o tempo no meu imaginário duplo sempre vai existir agora.

Por isso me pareceu difícil estar aqui na minha condição de professor de Redação. Difícil falar do passado de uma coisa que é sempre presente. Mas é isso que estou tentando, mesmo que eu não tenha à disposição o recurso de pedir que vocês apanhem um papel e uma caneta e se ponham a escrever.

Estou tentando capturar a imagem na palavra. Eu não estou falando em capturar a imagem pela palavra. Isto é fácil. Nem mesmo capturar a imagem da palavra. Eu estou falando na. A imagem na palavra só se capta com o corpo. E se capta no corpo da palavra, num corpo-a-corpo. Aliás, eu acho que a imaginação provém de uma necessidade profunda que o corpo tem de se imaginar.

O corpo não suporta limites e não suporta seus limites. O corpo necessita da subjetividade de imaginar-se. Necessita dessa sensação de multiplicar-se no imaginário. Por isso criamos. Por isso gostamos de mergulhar em nossa subjetividade.

Acontece que vivemos sendo instigados a sermos objetivos. E para sermos objetivos abstraímos. A necessidade de sermos objetivos nos aliena do concreto. Quando eu digo "duas laranjas", eu limito a laranja e não falo de laranja. Eu falo de laranjas abstratas, eu falo dois. E sendo dois, tanto faz que seja laranja ou banana. Dois tanto faz... Dois não é concreto.

Mas seu eu imagino duas laranjas, eu me aproximo do concreto. E se imagino, ao mesmo tempo em que me aproximo do concreto, eu aciono minha subjetividade. O que é concreto é subjetivo em cada um. E o subjetivo é infinito. Então, por minha imaginação eu rompo meus limites.

Uma laranja, por exemplo, é infinita. É infinita se eu a imagino e se eu a chupo. Por isso, ninguém chupa duas vezes do mesmo jeito uma laranja. E toda vez que alguém chupar uma laranja, mesmo que chupe todos os dias, mesmo que chupe muitas laranjas num dia, a laranja se revelará nova. E quem provar a laranja, provará duas coisas:

- 1º provará o gosto, a textura e o suco da laranja;
- 2º provará a si mesmo que sua língua é infinita em sua capacidade de provar laranja.

Mas nós, aqui neste momento, estamos começando a provar um outro gosto, que é o gosto da palavra laranja. A palavra laranja é mais infinita que a laranja. Eu sei que uma coisa não pode ser mais infinita que outra coisa infinita. Mas no imaginário pode. Aliás, no corpo pode.

Por favor, se for possível (e é), ouçam-me com o ouvido infinito de suas imaginações. Também para mim não é fácil dizer laranja. Não esta laranja que estamos chupando aqui. Não é fácil chupar laranja pelo ouvido. E, assim como é minha voz que pronuncia a palavra laranja, poderiam ser outras vozes, a sua, por exemplo. E poderia ser uma difícil laranja em outra língua! Outra língua. Que poderia ser a língua falada em outro país, ou poderia ser a língua de outra pessoa, a sua, por exemplo. E você poderia ver a palavra laranja escrita. E poderia ser

escrita de infinitas formas, tamanhos e cores. E você chuparia infinitamente essa laranja pelos olhos, como está chupando pelo ouvido agora. E pela mão, se você a escrevesse. Chupar sim, porque uma laranja dá-se a conhecer melhor no seu ser laranja, se você a chupa. A verdade da laranja é a sua língua.

A sua língua conhece a laranja e se conhece nela. Há um saber na laranja. Aliás, há dois saberes na laranja. Como bem me lembrou meu amigo Hélio Leite de Barros, saber vem do latim sapere, que quer dizer "ter gosto". Você sabe da laranja que sabe a laranja. Saber é saborear e saborear é ter prazer com a língua. A nossa língua pode saborear a língua que falamos.

E como toda imagem remete a um concreto; e como todo concreto remete a um ou mais sentidos; e como todo sentido remete ao corpo; e como todo corpo remete à boca; e como toda boca remete à língua; e como toda língua remete a um gosto; e como todo gosto remete à língua, e toda língua à boca e etc., e assim por diante, e voltamos ao saber, ao sabor dessas palavras que foram fluindo para o papel e que agora leio com a sincera intenção de lhe causar prazer. Porque a palavra é assim: ou flui, ou não flui. E quando flui, flui na folha do papel, ou flui na fala como som.

E como a língua sabe a laranja que é fruto e palavra, a língua sabe a si mesma quando fala.

É muito interessante isso de que nossa consciência se dê a saber pela palavra. A palavra é a língua e a língua seleciona o alimento e a água.

Assim é a palavra no seu ser concreto: fluir. A palavra flui no fluxo do ar que foi aspirado e expiramos. Vibram ou não vibram as cordas vocais em cada fonema e a língua se movimenta com os lábios, modelando o ar em palavras. Esses sons, porque concretos, têm uma imagem e podem compor nossos imaginários (que são dois, como já dissemos). Nos sons das palavras, a língua sabe de suas imagens. Está aí a imagem na palavra.

Vamos imaginar a língua na palavra.

Língua é língua e língua, como já vimos e ouvimos. Mas língua é também língua, como veremos (e ouviremos). Quero dizer que língua é também a palavra língua, ou seja, uma palavra da língua que a língua fala e conhece e que pode ser escrita.

Os sons de língua (seu concreto enquanto palavra) são esses que ouvimos quando se diz língua.

Vamo-nos imaginar falando lentamente língua: a ponta da língua toca os alvéolos, elevando-se de sua condição de repouso, e o ar, fazendo vibrar as cordas vocais, passa pelas laterais da língua e nós o sentimos aí, na mucosa bucal e por baixo da língua. Na articulação do som /l/ podemos sentir todas essas partes da boca. Em seguida, a parte posterior da língua se eleva, os bordos laterais tocam os dentes superiores e articula-se o /i/; eleva-se mais a parte superior da língua, cortando a corrente de ar, que sai pelas narinas, nasalizando o /i/. Desta posição, já articula em seguida o /g/, cortando totalmente o ar, enquanto os lábios pro-

jetam-se contraídos para frente preparando a vogal. O ar volta a sair na estreita abertura que língua e lábios lhe permitem, soando as cordas vocais nesse túnel em /u/. E se alarga a cavidade bucal em /a/, com a língua voltando em seu estado de repouso.

Observe que, ao dizer a palavra língua, a língua se reconhece inteira: sua parte inferior e superior; sua ponta e seu interior; seus bordos, seus meios; sua contração, seu repouso. Os sons da palavra língua expressam a própria língua, inclusive no seu movimento de engolir, da ponta para dentro. Este maravilhoso órgão do nosso corpo se revela sábio em nossa língua (a Língua Portuguesa). Ele se sabe a si ao falar-se. Essa língua que lambe, suga, chupa e degusta, sente a si mesma quando se fala. Sente seu próprio gosto, gosta-se.

É como o Hélio me lembrou, gostar é saber. Talvez por isso digamos, quando amamos uma pessoa, "eu gosto de você". Ou, como sabiamente diz a marchinha de carnaval, "quem sabe, sabe, conhece bem: como é gostoso gostar de alguém".

Isto, na verdade, ando tentando dizer até agora: eu gosto da palavra e procuro despertar nos meus alunos o gosto por ela. Por isso é difícil dizer isso aqui. Como posso explicar para alguém o gosto de uma laranja? O infinito gosto da palavra é inexplicável. Há que saboreá-la.

Hã, também, que tratar a palavra como se trata uma fruta - porque palavras se tornam passadas, apodrecem, mofam, como frutas. E como a fruta é grávida da árvore que a gerou, em sua semente, também palavras são plantáveis depois de saboreadas e produzem frutos e podem frutificar em árvores... e assim, etc., poderíamos ficar falando do ser fruta da palavra, que fica por conta do imaginário de cada um.

Sabor é sabor e saber todo mundo sabe. É só usar a língua. E língua, aqui, pode ser qual quer uma das três (e até uma quarta, se você gosta de comer língua de boi ou de porco). Língua é uma linda palavra que os preconceitos da nossa racionalidade mostram como indecente e indecorosa.

Mas nós, que não tememos nenhuma das línguas, nem mesmo as más línguas, sabemos (porque gostamos) que a língua nos faz conhecer. Sabemos disso quando comemos e quando amamos. Sabemos disso quando falamos e sentimos que a palavra nos diz. Sabemos disso quando escrevemos. Porque sabemos que desde o momento em que nascemos nossa língua já nasce ávida.

Nesse maravilhoso ato de um bebê sugando o leite que o alimenta podemos reconhecer a própria vida se fazendo. Está aí, nessa imagem, tudo que será no futuro palavra: a respiração, a língua, a boca, o alimento.

Nada alimenta melhor nossa consciência que a palavra. A palavra quando sentida concreta, seja falada, ouvida, escrita ou lida. A palavra extensão e complemento do próprio corpo, que a gera e reproduz. A palavra gostosa como laranja madura apanhada no pé. A palavra que tento lhes ofertar agora e peço que aceitem e espero que gostem.

Obrigado por me ouvirem.

